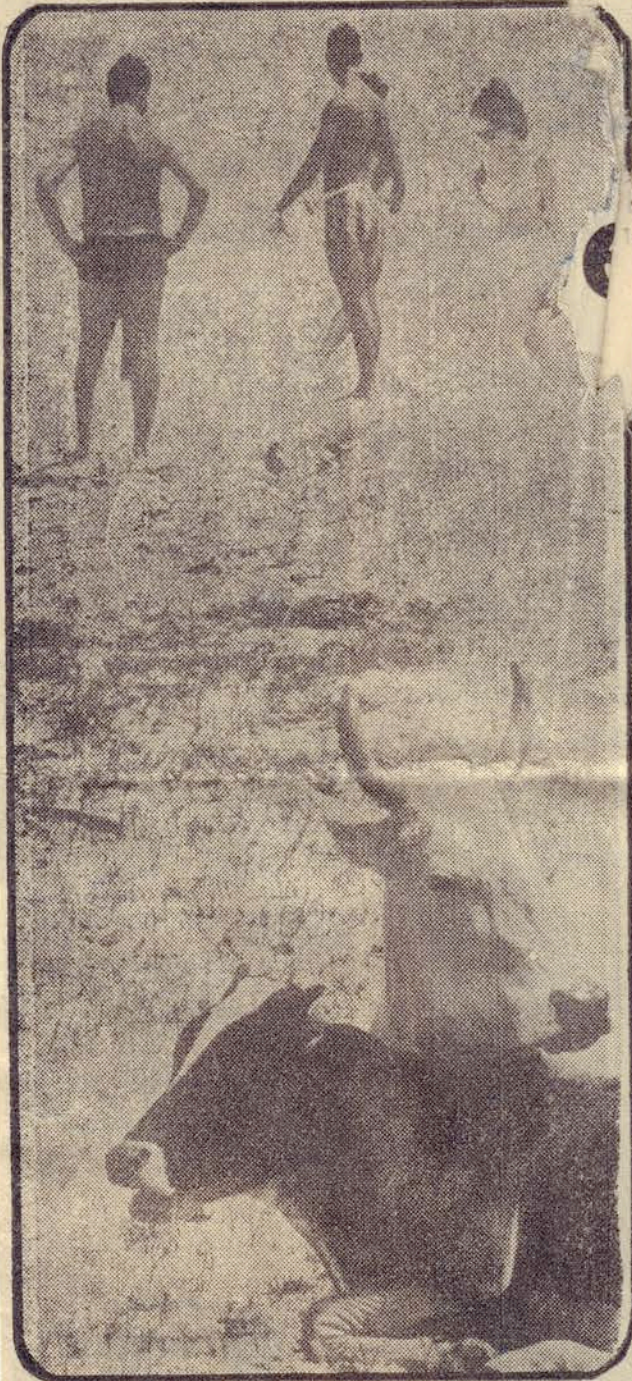


BOEING 737 DA VASP — O jato mais moderno do mundo em vôo no Brasil.

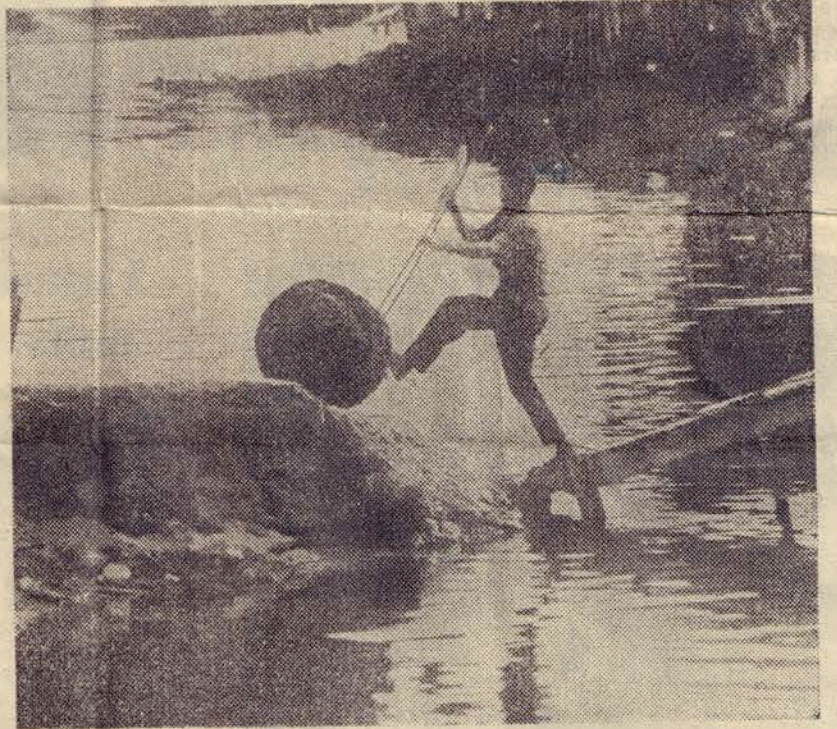
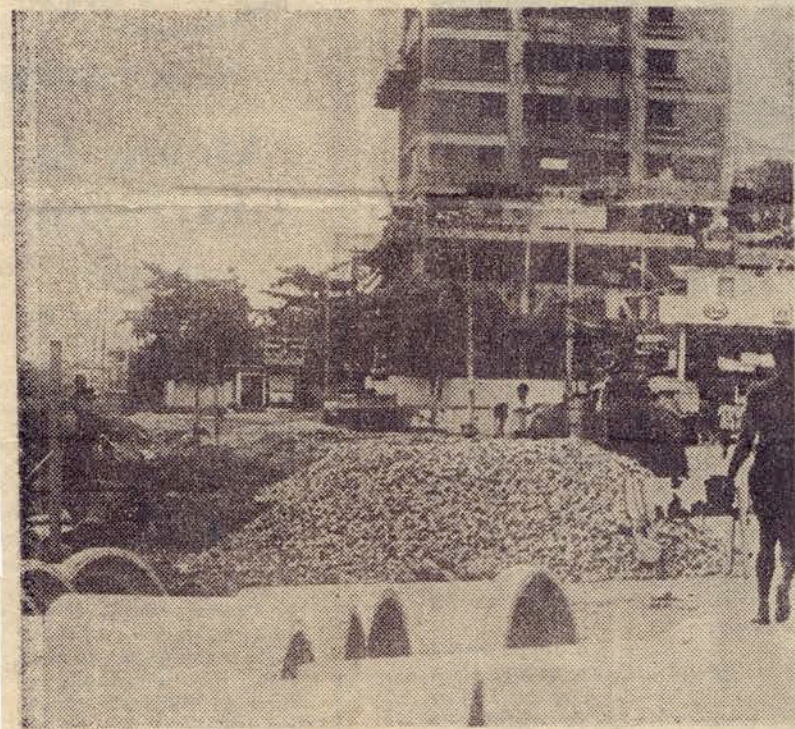


Na Baixada de Jacarepaguá está o futuro do Rio. Os economistas acreditam, mas acham que o moroso processo de ocupação retarda o desenvolvimento da região.



A BARRA É O PARAÍSO EM PERIGO

Jacarepaguá continua liderando as licenças de *habite-se*, de acordo com as estatísticas do Instituto de Desenvolvimento do Estado da Guanabara. No período janeiro/fevereiro, as Regiões Administrativas que apresentaram os maiores índices foram: Jacarepaguá, 488,7%; Vila Isabel, 98% e área central, 85,5%. Segundo previsões dos que planejaram as Zonas Jacarepaguá—Barra da Tijuca, o futuro do Rio está naquela região. Ela concorre para o desenvolvimento do Estado, através de maior arrecadação do erário público, do aumento da capacidade da mão-de-obra, na construção civil, e, na hotelaria, maior número de oportunidade de empregos. Porém, o processo moroso de ocupação está retardando o desenvolvimento da região, conforme observaram inúmeros economistas. São necessários maiores incentivos, com medidas definitivas e não soluções paliativas. Água, luz, telefone, gás, urbanização e saneamento são necessidades intransferíveis, exigindo providências imediatas das autoridades cariocas.



Na Barra, a par das edificações modernas, a água ainda é vendida em barril...

A PROCURADORIA-GERAL do Estado da Guanabara está realizando estudos para a ocupação da Barra da Tijuca, considerando a tese defendida por alguns juristas de que toda a área pertence ao Patrimônio estadual. O processo inclui levantamento de toda a parte edificada e, se forem confirmadas as previsões, o Governo carioca moverá uma ação-mostrão, contra os atuais proprietários. Terão que indenizar a ocupação dos terrenos. As obras em andamento, se não aceitarem acordos, poderão ter suas construções embargadas.

Não existe preocupação da Procuradoria-Geral no sentido de violar o Plano Lúcio Costa com o crescimento indiscriminado daquela área. Disse o Procurador José Emygdio que o Estado não pode perder os terrenos que lhe pertencem por lei e direitos adquiridos.

O Departamento de Estradas de Rodagem prossegue as obras de construção da auto-estrada Lagoa—Barra e arborização da Via 11, na tentativa de encurtar o trajeto entre a cidade e aquela região, além de facilitar o encontro com a Rio—Santos. No próximo dia 7 de setembro deverão ser inauguradas as duas pontes em construção sobre os Rios Camorim e Arroio Fundo, substituindo as atuais de madeira

DEFICIÊNCIAS

Morar na Barra da Tijuca, para alguns, é um privilégio. É um sonho dos que desejam fugir da cidade poluída, da

zona urbana cheia de problemas. Mas, a realidade de quem chega é bem outra, não encontrando ali condições normais de sobrevivência.

Quem vai pelo Leblon, logo na Avenida Niemayer, começa a "sofrer". Basta o enguiço de um automóvel, o tráfego fica completamente congestionado. O comércio está todo centralizado no Largo da Barra, onde existem duas grandes mercearias e um pequeno armazém, vendendo a preços exorbitantes. Quem tem condução própria prefere comprar na Tijuca ou na Zona Sul, onde os gêneros de primeira necessidade são vendidos mais baratos.

Alfredo, gerente de um dos inúmeros hotéis da Barra, disse que a falta d'água encarece bastante o custo de vida na região. A população das favelas e casas modestas compra em latas ou é obrigada a andar quilômetros para conseguir o líquido. Quem tem dinheiro constrói poços artesanais para o consumo das mínimas necessidades. A Cedag controla a água existente por hidrômetro, originando uma despesa mensal de Cr\$ 800,00, para os proprietários. Não existe rede de esgotos, mas a Sur-san cobra uma taxa. Os despejos são feitos "in natura" na Lagoa, obedecendo a esquema do próprio órgão numa distância por ele estipulada.

Pelas estradas, encontramos meninos com latas e garrafões d'água. Espremidos junto ao barranco esperam a vez de atravessar a Avenida das Américas, temendo serem atropelados. Nasceram ali, estão acostumados, mas

os acidentes são geralmente fatais. Para o motorista frear, tanto na subida como na descida, é quase impossível. O gás é o de botijão e em diversos pontos, homens, mulheres e crianças esperam a passagem do caminhão de entregas. Os empregados das companhias revendedoras não têm condições de bater de porta em porta. As casas são distantes e muitas mansões vivem fechadas.

A comunicação, por telefone, melhorou depois da instalação pela Cetel de diversas linhas no bairro. A luz, no entanto, é precaríssima, segundo os moradores. Qualquer ameaça de chuva provoca a interrupção. As redes estão sobrecarregadas e a falta de energia elétrica é constante.

Contrastando com os modernos edifícios que surgem logo na saída do Túnel do João, na Avenida das Américas montes de detritos e materiais de construção abandonados margeiam a pista. O lixo toma conta de vários pontos do bairro, não tendo o Departamento de Limpeza Urbana, ainda, qualquer esquema para o recolhimento. E isso, principalmente à noite, é a causa da praga de mosquitos que incomoda o sono dos moradores.

O acesso às praias, nos fins de semana, ainda é bastante penoso. Congestionamento do trânsito e inúmeros acidentes são os principais transtornos.

O PROJETO DE LÚCIO

Mesmo assim, com todas essas dificuldades atuais, na Barra da Tijuca está o futuro do Rio. Basta que as autori-

dades governamentais tomem maior interesse, incrementando com maior rapidez o desenvolvimento da região. A estrutura redonda dos prédios, construção iniciada pelo Hotel Nacional, está modificando, pouco a pouco o panorama do bairro. Um grupo de trabalho — segundo o DER — está acompanhando a execução de projetos e não haverá qualquer violação ao plano-piloto de Lúcio Costa.

O sonho do urbanista Lúcio Costa era dividir a região em 42 subzonas com ocupação vertical de 50 por cento, mas as construções de frente para o mar teriam apenas dois pavimentos, exceção feita aos hotéis. A zona residencial se desenvolveria do lado da Avenida das Américas, onde nasceria o centro comercial, os serviços de utilidade pública, incluindo escolas primárias, ginásios, creches, cinema, teatro, restaurantes, etc.

A índia era de que a Baixada de Jacarepaguá lembrasse Brasília, com apenas 20 por cento de área ocupada e 80 por cento de áreas verdes, jardins e *play-grounds*. Mas, Lúcio Costa está ausente do País e ainda não se pronunciou a respeito de "violações" em seu plano-piloto. Para o DER, entretanto, não existem violações. Na Baixada de Jacarepaguá está o futuro da agitada população carioca.